
ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Múltiplos Discursos sobre a Feira de Campina Grande*. Campina Grande: Agenda, 2006

por Josemir Camilo de Melo
Professor do Departamento de História e Geografia/UEPB.
E-mail: jcdemelo@uol.com.br

O livro *Múltiplos Discursos sobre a Feira de Campina Grande* nasceu da persistência da jovem historiadora e educadora Giovanna de Aquino Fonseca Araújo em seu diálogo com a feira de Campina Grande, Paraíba. Porém, não é filho único, pois dá continuidade ao seu "*Feira Livre: Memória Viva do Povo Campinense*", editado com o apoio do Projeto FIC (Fundo de Incentivo Cultural Augusto dos Anjos, edição 2004). Tratava-se, aí, de sua monografia de pós-graduação *latu senso*, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). *Múltiplos Discursos*, que dá continuidade aos seus estudos sobre a feira, é fruto de sua dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade, da UEPB, que não só aprofunda o primeiro, como traz um recorte novo, o discurso e a identidade dos que fazem (a) feira. Desta feita, o livro é publicado com apoio do FUMUC (Fundo de Cultura Municipal Evandro Barros) e Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Campina Grande.

Formada em História, a professora universitária agora comprova que consegue trabalhar com as correntes modernas e pós, graças a sua convivência naquele mestrado, em que concentrou na área de Estudos Culturais. Unindo metodologia qualitativa e quantitativa, Giovanna faz uma excelente abordagem teórica dentro da área de Análise de Discurso em Estudos Culturais, permeando a Sociologia, História e Antropologia.

Sua metodologia é rigorosa. Parte da observação direta e elege um universo de 60 depoentes proporcionais entre feirantes e fregueses. Em seguida, aplica a História oral temática, através de entrevista dirigida.

Apesar de ser um livro sobre discursos, a autora dialoga com o método quantitativo, numa pesquisa de campo

percuciente, em que os dados vêm em reforço do discurso. Este livro trilha o caminho de uma visão crítica, destacando o lugar da cidadania, o lugar dos homens comuns, de resistências e de sonhos.

No primeiro capítulo, ela aborda todas as vertentes do conceito Cultura, priorizando os modos de falar e ser, pensar e viver de uma dada formação social, cultura como resistência. Amparada num eclético, mas convergente exercício de teóricos, Giovanna costura epistemologicamente Certeau (Resistências e Cultura no Plural) Foucault (Poder) Raymond Williams e E. P. Thompson (Costumes) Hobsbawm (Tradição), Chartier (Práticas e Representações) e Hall (Identidades). Discute não só várias correntes de interpretação de cultura como escolhe aquela que aglutina a interdisciplinaridade dos Estudos Culturais chegando ao multiculturalismo para melhor entender a relação de ambas as personagens com o *locus* feira.

Analisa, dissecando cada conceito de cultura bem como os de tradição e costumes para aplicar o conceito adequado ao seu objeto: o discurso sobre a feira e esta como patrimônio cultural intangível, segundo depoentes. Objetivo desconstruir verdades estereotipadas.

No segundo capítulo, vai em busca da identidade dos que fazem a feira, lendo as falas dos que vivem da feira e dos que fazem feira. Surgem, então, ricas histórias do cotidiano a conta gota. Para isto, a autora recorre à Memória, não mecanicamente como se supõe existir uma memória/lembrança individual, mas uma memória coletiva, subjacente ao interdito. Portanto, memória como ressignificação.

Para descobrir esta identidade fugidia, principalmente a do feirante, a autora tenta desconstruir estereótipos como

regionalismo, nordestinidade, apoiada na obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Para isto, eleger a feira ao patamar dos lugares da memória. E, finalizando este capítulo, discute o *lócus* econômico e social da feira, contestando que este seja só de relações primárias.

No Capítulo 3, a autora mostra que as pesquisas confirmaram suas hipóteses do ecletismo discurso e das identidades plurais da feira de Campina Grande. Pesquisou uma ampla e impressionante bibliografia teórica que vai da Análise de Discurso à História, tomando de empréstimo conceitos de uns e refutando outros, principalmente, para demonstrar a importância da feira na constituição de uma identidade multicultural. Mesmo porque feirantes e fregueses se encontram aos sábados, principalmente, entre o global e o local, onde identidade não quer dizer só identificação, mas também recusa, conflitos, sonhos de emprego e renda, e não meramente uma ilusão cultural, uma visão do outro.

Trata-se de um livro inovador por ressignificar a feira, muitas vezes tomada só pela abordagem econômica, outras vezes, pelo viés da cultura, na visão folclorizada, estereotipada, congelada. Ao mesmo tempo, a autora desconstrói algumas verdades, polemiza com autores e deixa em aberto o tema para novas pesquisas e debates para se repensar a feira como *lócus* privilegiado não só de alternativas formas de viver, mas de pensar e ser e de aspirar à cidadania.